

Vaticano II, Medellín e perspectivas da bíblia na Igreja

Jackson Câmara Silva *

Resumo: *A história das Sagradas Escrituras no meio cristão foi perpassada por inúmeros desafios. A hegemonia da tradução da Vulgata de São Jerônimo não sobreviveu à Reforma Protestante, que, embora se utilizando dela, impulsionou traduções para as línguas “modernas”, motivou também seu acesso e sua interpretação pessoal. Desse modo, nosso estudo inicia uma abordagem histórica das Sagradas Escrituras partindo do Período da Reforma, ultrapassando o avanço da investigação das ciências na Modernidade, que influenciaram uma chamada de atenção à Bíblia e prepararam, juntamente com o movimento bíblico e os documentos pré-conciliares, o Concílio Vaticano II. Posteriormente, averiguamos até que ponto o estudo bíblico no Brasil influenciou ou foi influenciado pelo Concílio, destacando diversas iniciativas bíblicas pré e pós-conciliares em solo brasileiro. Por fim, analisamos a perspectiva bíblica do documento de Medellín, identificando de um lado a influência do apostolado bíblico latino-americano à Conferência e, por outro, suas repercussões na América Latina e Caribe. O tema convida a refletir o papel da Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja não somente como fonte de espiritualidade, mas percebê-la como uma realidade comprometedora frente às adversidades e aos desafios em nossa vida como verdadeiros discípulos de Jesus.*

Palavras-chave: *Bíblia; Vaticano II; Medellín; Igreja.*

INTRODUÇÃO

O acesso da maioria dos primeiros cristãos à Palavra de Deus praticamente se dava através da pregação nas sinagogas, templos e casas. No entanto, sua escrita e seu estudo mais elaborado, inclusive a formação do cânon dos livros bíblicos, praticamente pertenceu a um pequeno grupo.

Com os Padres da Igreja, a teologia essencialmente tratava-se de uma meditação sobre a Bíblia pautada numa vida espiritual, sem estar desvinculada do contexto da prática pastoral. E por mais que a tradução da Vulgata de São Jerônimo perdurasse ao longo dos séculos, a Reforma Protestante, com sua concepção *Sola Scriptura*, impulsionou sua tradução para as línguas “modernas” e motivou seu acesso e sua interpretação pessoal. Com isso, em um primeiro momento trataremos como o estudo bíblico avança no mundo protestante e repercute também no âmbito católico, mesmo que, numa postura de defesa, restringisse o acesso direto às Sagradas Escrituras com o Concílio de Trento (1545-1563).

* Mestrando em teologia bíblica pela FAJE e bolsista do PROEX.

Posteriormente analisaremos as Sagradas Escrituras no contexto da Modernidade marcado pelo avanço da investigação científica, arqueologia, civilizações e línguas antigas, que no início do séc. XX os documentos pré-conciliares juntamente ao movimento bíblico prepararam o Concílio Vaticano II. Nisso, abordaremos a repercussão da Bíblia a partir desse concílio, destacando os principais documentos e as iniciativas da Igreja. Entretanto, fazendo uma retrospectiva do estudo bíblico no Brasil desde o início do séc. XX, analisaremos até que ponto ele influenciou ou foi influenciado pelo Concílio Vaticano II.

Por fim, celebrando os 50 anos da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, trataremos das perspectivas da Bíblia presentes nas conclusões desta conferência e sua repercussão na Igreja Latino-Americana.

1. AS SAGRADAS ESCRITURAS NO PERÍODO DA REFORMA

A Reforma Protestante marcou e ameaçou a hegemonia da Igreja Católica. Houve o embate da superioridade do poder espiritual sobre o secular, a crítica à autoridade suprema da Igreja na pessoa do Papa, certo laxismo da vida do clero e o monopólio da interpretação das Sagradas Escrituras pela Igreja.

Na concepção dos reformadores, mais que a fonte da Revelação estar na *Sola Scriptura*, a Bíblia, sobretudo o Evangelho, está acima da Igreja. E nisso o fiel que outrora dependia unicamente da Igreja para entender a Palavra de Deus, agora poderia não somente ler, mas interpretá-la através de sua experiência pessoal.

Logo a Igreja reagiu e veio então o Concílio de Trento (1545-1563) que procurou solidificar a doutrina católica. Sobre as Escrituras, o Concílio, defendendo a responsabilidade da Igreja de preservar a pureza do Evangelho, diz:

que, prometido primeiramente pelos profetas nas santas Escrituras, nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, promulgou por sua própria boca e então mandou a seus Apóstolos “pregá-lo a toda criatura” [Mc 16,15] como a fonte de toda a verdade salutar e de toda a ordem moral (DS 1501).

Trento, confirmando o Concílio de Florença (1439-1445) ainda elencou a lista dos livros sagrados e definiu a tradução da Vulgata como texto oficial da Bíblia. Isso porque já circulavam, além da tradução luterana alemã, outras traduções vernáculas como a Inglesa de Wicliff (séc. XIV), por exemplo, considerando uma lista menor de livros inspirados.

Entretanto, a Igreja Católica, na tentativa de defender os fiéis de alguma espécie de doutrina estranha protestante, acaba restringindo o acesso à leitura da Bíblia pelo filtro da autoridade eclesiástica. Por não ter contato direto com os textos sagrados, foi conveniente disseminar “as histórias sagradas”, as quais apresentavam a história da salvação da criação ao fim do Apocalipse como uma narrativa contínua, sem levar em

conta gêneros literários e os diferentes autores e períodos nos quais foram escritos os livros (LIBANIO, 2005, p. 22).

2. AS SAGRADAS ESCRITURAS NO CONTEXTO DA MODERNIDADE

Após o impacto da Reforma Protestante, a Modernidade vai cada vez mais ganhando espaço. O advento da racionalidade, com sua investigação científica apontando para a empiria, também chegou às Sagradas Escrituras. O desenvolvimento da arqueologia e o acesso à história das civilizações antigas, sobretudo aquelas que mantiveram contato com Israel, incentivaram os estudiosos da Bíblia a perceberem não só a influência delas nos hagiógrafos, mas também a aprofundar o texto bíblico em suas línguas originais.

A criação da Escola Nacional de Línguas Orientais, em 1795, na França, e o Instituto do Egito, em 1798, juntamente com as descobertas da história persa e de textos egípcios e assírios, em 1850, edificaram uma ciência das religiões voltada para o estudo comparativo da Escritura com outros textos das civilizações antigas (SESBOÛÉ, 2006, p. 285). Em seguida, principalmente por parte dos protestantes, crescem as pesquisas bíblicas e desenvolvem-se métodos científicos próprios para o estudo Bíblico como: Histórico-Crítico, História das Formas, História das Redações, História das Tradições entre outros. Porém, diferentes posições surgiram, como a exegese liberal, que reduziu as narrativas bíblicas a puras ficções míticas.

A reação católica, tanto à exegese liberal quanto às ciências modernas, advém de forma elaborada na encíclica *Providentissimus Deus*, de Leão XIII, em 1893. Em perspectiva espiritual, dogmática e apologética, defende-se a infabilidade da Palavra de Deus bem como a responsabilidade da Igreja de ser sua intérprete. Além disso, em 1902, institui-se, na Santa Sé, uma “Comissão Bíblica” a fim de acompanhar o caminho da exegese bíblica, resguardando sua autoridade e sua interpretação oficial pela Igreja (SESBOÛÉ, 2006, p. 294).

A pesquisa bíblica continua se desenvolvendo, sobretudo no lado protestante. Entretanto, a Igreja Católica, além da instituição da Comissão Bíblica, procura recuperar o atraso da pesquisa bíblica e funda várias instituições a fim de formar professores e pesquisadores de Bíblia, como acontece, em 1890, com a *École Biblique*, na França e em Jerusalém, sob os cuidados dos dominicanos e, em 1909, o *Instituto Bíblico de Roma*, dirigido pelos jesuítas.

Além do sentido literal, da pesquisa histórica e da apologética bíblica, o magistério vai resgatar o sentido espiritual das Escrituras bem como sua prática de leitura. Daí, na comemoração dos 1500 anos de nascimento de São Jerônimo, é lançada a encíclica *Spiritus Paraclitus* de Bento XV, em 1920. Mesmo que enfoque Deus como autor principal das Escrituras Sagradas, ela reconhece os vários gêneros literários dos livros sem desmerecer sua veracidade. Além disso, conclui apresentando os sentidos espirituais da Bíblia, desembocando na ligação com a pregação e com os frutos de sua leitura diária. De

fato, pela primeira vez, exprime-se “o desejo de que os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos “estejam presentes em todas as famílias cristãs e que todos adquiram o hábito de lê-los e meditá-los diariamente” (SESBOÛÉ, 2006, p. 304, nota).

Anos mais tarde, reagindo à pesquisa bíblica na linha mais espiritual, a Comissão Bíblica Católica, que, em 1906, havia condenado a teoria das 4 fontes do Pentateuco e refreado muitos estudiosos “avançados”, como os do Pe. Lagrange, OP, em seus estudos veterotestamentários, agora impulsiona e defende o estudo científico da Bíblia e seu sentido literal. Com isso, em 1943, é lançada, pelo Papa Pio XII, em comemoração aos 50 anos da *Providentissimus Deus*, a encíclica *Divino Afflante Spiritu*, que recomendava o estudo das línguas bíblicas, a busca do sentido literal dos textos, o exame do contexto, o estudo da história, da arqueologia e dos gêneros literários, o esclarecimento da condição social do autor. Também reconhecia o “esforço intelectual e o talento dos exegetas católicos” em contribuir com a pesquisa bíblica, não simplesmente de forma apologética, mas de forma crítica a fim de explicar inúmeras questões.

Assim, havia liberdade em pesquisar olhando o Magistério, não simplesmente como juiz e vigia, mas como principal beneficiário desse trabalho, sobretudo com a publicação da *Bíblia de Jerusalém*, em 1956, grande ganho para Igreja.

3. A REPERCUSSÃO DA BÍBLIA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

As Sagradas Escrituras foram gradativamente ganhando seu espaço na vida da Igreja. Não bastasse a constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina, bem como a riqueza de citações bíblicas nos diversos documentos conciliares, já na primeira sessão conciliar houve a entronização da Palavra de Deus, refletindo assim sua aproximação à vida da Igreja.

Além do “giro copernicano” da compreensão da Revelação como “decretos eternos da sabedoria”, defendidos no Concílio Vaticano I, para “autocomunicação de Deus na história” centrada em Jesus Cristo, afirmada no Vaticano II, a *Dei Verbum* dedica seu último capítulo à Sagrada Escritura na vida da Igreja. Afirma que a Igreja venera e se alimenta da Palavra de Deus (DS 4228). Daí destacar sua importância no estudo teológico, considerando-a “a alma da Teologia” (DS 4241).

Nesse sentido, o papel dos exegetas católicos é apresentado como fundamental para uma compreensão mais profunda da Bíblia. Não esquecendo a importância dos Padres da Igreja e da Sagrada Liturgia, eles, sob o olhar do Magistério, investigam e apresentam as divinas Letras para que o maior número de ministros da Palavra possa oferecer ao Povo de Deus o alimento das Escrituras que “ilumine a mente, fortaleça as vontades e inflame os corações dos homens no amor de Deus” (DS 4230). Como grande ferramenta, a *Dei Verbum* incentiva o trabalho das traduções dos livros sagrados, sobretudo dos textos originais (DS 4229). Logo, sacerdotes, diáconos, religiosos, catequistas e demais ministros da Palavra devem-se “apegar às Escrituras por meio da

assídua leitura e diligente estudo”, sem desvinculá-los da oração, a fim de se difundir, seja por “piedosa leitura, seja por cursos apropriados ou outros meios”, a Palavra de Deus (DS 4232).

Após o Concílio, a Bíblia no meio católico vai sendo cada vez mais estudada, difundida e lentamente chega às mãos do povo de Deus. As pesquisas bíblicas continuam avançando e quase 30 anos após o Concílio é lançado, em 1993, pela Pontifícia Comissão Bíblica, o documento sobre a *Interpretação da Bíblia na Igreja*. Nele são levantadas questões sobre: os diversos métodos e abordagens, indicando suas possibilidades e seus limites; a interpretação católica da Bíblia e sobre suas relações com as outras disciplinas teológicas além de seu lugar na vida da Igreja. Anos depois, foi realizado o sínodo dos bispos acerca da Sagrada Escritura na Vida da Igreja e que, após frutuosas reflexões, resultou, em 2010, na elaboração da Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, sobre a Palavra de Deus na Vida e Missão da Igreja.

Além dos escritos do Magistério impulsionando o estudo e o apostolado bíblico, destaca-se a Palavra de Deus no meio popular. Ela atinge largas proporções, principalmente na América Latina e no Brasil, com o surgimento dos Círculos Bíblicos.

4. O ESTUDO BÍBLICO NO BRASIL¹: INFLUENCIOU OU FOI INFLUENCIADO PELO CONCÍLIO?

A primeira edição brasileira da Bíblia saiu em 1864². Anos mais tarde, acontecia o 1º Congresso Católico Brasileiro (1900), marcando assim o início do movimento bíblico no Brasil (TERRA, 1987, p. 86). Entretanto, a presença da Bíblia de forma mais significativa só começou por volta dos anos 40.

Antes do Concílio Vaticano II, um grupo de exegetas e professores de Sagradas Escrituras do Brasil resolve idealizar um encontro para estudá-las e divulgá-las. São convocados pelo Pe. Antonio Charbel SDB, ex-alunos brasileiros do Pontifício Instituto Bíblico, para promoverem a primeira Semana Bíblica Nacional, com o apoio da PUC-SP, na pessoa de D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, realizada de 3 a 8 de fevereiro de 1947, no Mosteiro de São Bento (SP) (SALVADOR, 1987, p. 44).

Os 40 participantes dessa Semana, dentre eles Frei João José Pedreira de Castro (1896-1962)³, reafirmando adesão e fidelidade ao Papa, recebem a benção papal e os votos

¹ A Revista de Cultura Bíblica de 1987, nº 43-44, reúne uma série de artigos de exegetas que testemunham o estudo e a difusão da Bíblia no Brasil ao longo do séc. XX através de várias iniciativas, dentre as quais algumas ainda perduram hoje.

² Antes circulava a primeira tradução católica moderna completa da Bíblia feita pela primeira vez sobre o texto da Vulgata pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo, em 1790 (TERRA, 1987, p. 84-85).

³ Formado em ciências bíblicas, em 1924, participante da Fundação da LEB, fundador do Centro Bíblico, em 1956, e tradutor da “Bíblia da Ave Maria”. A LEB conferiu-lhe o título de Precursor do Concílio Vaticano II e Pioneiro do atual movimento Bíblico Católico no Brasil (TERRA, 1987, p. 6).

de fecundos trabalhos. E de fato, no encerramento dos trabalhos, firmaram-se objetivos práticos da Bíblia no Brasil, dentre eles a Instituição do *Domingo da Bíblia*, celebrado no último domingo do mês de setembro, próximo à festa de São Jerônimo, ícone das Sagradas Escrituras, com a finalidade de divulgar a Palavra de Deus, além de instruir e animar os fiéis acerca de sua importância.

Outros três objetivos impulsionaram o aprofundamento do estudo bíblico brasileiro. Na própria Semana Bíblica, especificamente no dia 6 de fevereiro de 1947, foi fundada a *Liga dos Estudos Bíblicos* – LEB, referência de associação bíblica internacional. A própria LEB incentivou a publicação da literatura bíblica nacional, destacando-se a Revista de Cultura Bíblica (RCB), criada em 1956. Além disso, iniciada por partes (Salmos, Evangelhos), a primeira tradução portuguesa completa da Bíblia diretamente dos textos originais foi conseguida em 1964 pela LEB em parceria com a Editora ABRIL. Os textos publicados em edição de luxo e em fascículos semanais resultaram na *Bíblia mais bela do mundo* em oito grandes volumes (SALVADOR, 1987, p. 44-49).

Se antes do Concílio já havia grande “efervescência bíblica” no Brasil, sua recepção só impulsionou a continuidade dos trabalhos. Pe. João Balduino Kipper ministrou aulas de exegese e cursos bíblicos populares no Rio Grande do Sul por mais de 40 anos. Pe. Frederico Dattler, além de realizar semana bíblica em Campanha-MG, em 1957, publicou inúmeros livros, dentre eles, sob o incentivo conciliar, os *Comentários dos Lecionários Dominicais e Festivos*. Pe. Joaquim Salvador realizou Semanas Bíblicas Ecumênicas anuais com participação de Católicos, Protestantes, Judeus e Mulçumanos próximos ao período do Concílio (TERRA, 1987, p. 8).

Quanto ao dia da Bíblia logo se ampliou para o Mês da Bíblia sob o pioneirismo da Arquidiocese de BH, que ao celebrar seus 50 anos, lançou-o em 1971. Em 1985, a CNBB estendeu-o ao âmbito nacional e, posteriormente, para o âmbito latino-americano e caribenho. A presença das irmãs paulinas foi muito importante no início e na continuidade desse trabalho através da edição de livros e da realização de inúmeros cursos realizados em todo o Brasil.

Também impulsionado após o Concílio em ensinar Bíblia para além dos muros do mosteiro trapista onde vivia em Orval na Bélgica, chega em 1968 em uma das favelas de Fortaleza, no Nordeste brasileiro, o exegeta Pe. Caetano Minette de Tillesse. Suas profundas homilias e palestras motivavam o povo simples a formar uma “geração bíblica”, na qual todos amem a Palavra de Deus, e “o povo brasileiro se tornar o povo da Bíblia” para não serem “analfabetos na Palavra do Senhor” (TILLESSE, 1984, p. 5). Em 1981, funda o Instituto Religioso Nova Jerusalém com a missão de contemplar, estudar e difundir a Bíblia (TILLESSE, 1996, p. 7-10). Três anos depois, inicia a Revista Bíblica Brasileira (RBB), com um estudo sistemático e profundo das Sagradas Escrituras para “ser um veículo de encontro e intercâmbio entre biblistas e os grupos bíblicos no Brasil” (TILLESSE, 1984, p. 5).

As narrativas bíblicas sempre despertaram interesse seja por curiosidade ou por fonte de espiritualidade, sobretudo ao povo mais humilde. E quando encontram algum leitor mais experimentado acabam por formar, de modo espontâneo, grupos para

partilhar e conhecer mais a Bíblia. Assim aconteceu inclusive na formação de grupos protestantes, que ao receber posteriormente pastores já se encontravam reunidos em torno da Bíblia e com a presença, sobretudo, dos pentecostais, a Bíblia chegou às camadas mais pobres. No âmbito católico, Manuel da Conceição, pelo Vale do Paraíba e interior de São Paulo, pretendia levar a Bíblia aos mais simples e por isso foi visto como louco pelo catolicismo oficial e pelo protestantismo presbiteriano (ROLIM, 1988, p. 166-168).

Posteriormente, grupos e comunidades de fé desenvolveram-se em torno da Palavra de Deus. Foram surgindo assim os círculos bíblicos que procuraram não somente aprofundar o estudo das Sagradas Escrituras, mas principalmente releram sua própria história identificando-se como povo de Deus. Destaque para Frei Carlos Mesters que desenvolveu um método de leitura popular da Escritura no texto, pré-texto e contexto, amalgamando exegese e hermenêutica. Assim, ele impulsionou os círculos bíblicos e iniciou, em 1979, o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI).

Partindo de uma leitura encarnada da Bíblia, os círculos bíblicos, espalhados pelo Brasil até hoje, marcaram o início das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Elas tiveram um papel importante na fé do povo brasileiro que, tomando consciência da situação de opressão e injustiça, propôs trilhar um caminho de libertação.

Portanto, o Brasil não só recebe o Concílio, como também antes mesmo dele já fomenta o contato vital com a Palavra de Deus, tanto em nível acadêmico, por meio das inúmeras publicações, como em nível popular através dos círculos bíblicos, cursos, semanas e palestras. Não teria assim, contribuído de forma profunda nas discussões do Concílio Vaticano II?

O fato é que seu “solo” certamente esteve pronto para receber as sementes pós-conciliares e, juntamente com os demais países da América Latina e Caribe, partilhar suas experiências que preparariam então a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín.

5. MEDELLÍN E AS PERSPECTIVAS DA BÍBLIA NA IGREJA LATINO-AMERICANA

O mundo marcado por duas grandes guerras vai adquirindo uma nova configuração. Entre o embate de países capitalistas e socialistas, restaram os intitulados de “terceiro mundo”, marcados pela pobreza, pela miséria e, sobretudo, pela dominação dos países ricos.

Se de um lado, o desenvolvimento tecnológico, científico e econômico veio com a promessa de aumentar a riqueza e elevar os níveis de bem-estar pessoal e social do ser humano, por outro, isso não o atingiu de forma global. Muitos países ao invés de usufruírem disso, acabaram cada vez mais sendo dominados econômica, política e culturalmente (GUTIÉRREZ, 1976, p. 31). E nesse contexto se apresenta a América Latina.

Se o Concílio Vaticano II oferece grandes linhas de uma renovação da Igreja e fala da condição dos países subdesenvolvidos do ponto de vista do mundo desenvolvido, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín analisa os problemas dos países pobres, partindo da realidade deles mesmos ao ponto de especificá-los. Também faz tomar consciência da urgente necessidade de transformação que “atinge e afeta todos os níveis do homem, desde o econômico até o religioso” (MEDELLÍN, 1968, p. 2), além de libertação do povo de Deus marcado pela miséria, desigualdade social e injustiça⁴.

Medellín não apresenta a Palavra de Deus como um de seus 16 eixos temáticos⁵. Suas citações bíblicas concentram-se no eixo sobre *Pobreza da Igreja*, quando se utiliza dos profetas para fundamentar a pobreza espiritual e as citações de Fl 2 e 2Cor 8,9 para testemunhar o exemplo de pobreza de Cristo. Isso é visto como sua grande lacuna. Entretanto, a Bíblia perpassa de um modo geral todo o documento. Já no início, ao lado do “Pão da Eucaristia”, a assembleia, chamada a perseverar na oração, vê a meditação intensa da Palavra de Deus como alimento, ou seja, o “Pão da Palavra” (MEDELLÍN, 1968, p. 3). Se sua preocupação está com a globalidade do ser humano, isso ganha embasamento no próprio olhar bíblico que o vê em sua história com Deus a sua salvação por inteiro (MEDELLÍN, 1968, p. 2). Com o papel de “promover e fomentar a educação cristã a que todos os batizados têm direito, para que alcancem maturidade de fé” (MEDELLÍN, 1968, p. 23), encontramos o incentivo aos colégios, universidades e centros de formação para semear valores cristãos, dentre eles a justiça, cujo documento afirma ser “exigência do ensinamento bíblico” (MEDELLÍN, 1968, p. 5).

Por outro lado, a experiência latino-americana com a Palavra de Deus enriqueceu e ao mesmo tempo ganhou força na Conferência Episcopal de Medellín. Desse modo, alguns elementos destacam-se: 1) A formação das Comunidades Eclesiais⁶; 2) Meios para uma catequese renovada; 3) A formação espiritual do clero.

Ao longo dos anos, desenvolveram-se grupos e *comunidades de fé* que se reuniam em torno da Bíblia. Não bastasse a abertura do Concílio Vaticano II à Palavra de Deus, essa experiência motivou Medellín a assumir, como uma importante recomendação pastoral, a formação de comunidades eclesiais nas paróquias, principalmente no meio rural e nas periferias urbanas, embasadas na Palavra de Deus, acompanhada pela celebração eucarística⁷, quando possível, em vista da escassez de presbíteros, mas sempre em comunhão com a Igreja na pessoa do bispo (MEDELLÍN, 1968, p. 33). De fato, a

⁴ Gutiérrez traz a diferença de visão entre o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, aprofundando questões pertinentes do continente Latino Americano (GUTIÉRREZ, 1976, p. 114-120). Em boa parte da obra, ele faz críticas quanto aos documentos conciliares apontando ganhos e deficiências (ver GUTIÉRREZ, 1976, p. 71, por exemplo).

⁵ Justiça, paz, família e demografia, educação, juventude, pastorais das massas e das elites, catequese, liturgia, movimentos leigos, sacerdotes, religiosos, formação do clero, pobreza da Igreja, colegialidade e meios de comunicação.

⁶ No Brasil foram conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base ou popularmente CEBs.

⁷ Também é motivada a experiência das Celebrações da Palavra, inclusive ecumênica (MEDELLÍN, 1968, p. 44).

reflexão, a oração e a partilha das Sagradas Escrituras tem ultrapassado conteúdos abstratos ou leituras fundamentalistas e moralizantes, pois têm perpassado a concretude da vida de leitores e de ouvintes. Eles entremeiam os dilemas do povo de Israel e os seus na esperança de que Deus os acompanha e lhes dá força para lutar.

Em se tratando de uma *catequese renovada*, seguindo a globalidade do ser humano, pretende-se orientar os catequizandos para serem féis ao Evangelho, contribuindo desse modo para sua evolução integral (MEDELLÍN, 1968, p. 39). Dentre os meios, destaca-se a formação de catequistas leigos, ministros da Palavra e diáconos permanentes que conta com a multiplicação dos Institutos de formação bíblico-catequética para isso. Assumindo fidelidade à mensagem do Evangelho, o documento incentiva uma perspectiva hermenêutica teológica do Evangelho, quando propõe ultrapassar sua mera repetição ou explicação, adotando uma postura de uma Palavra encarnada na existência humana (MEDELLÍN, 1968, p. 40).

Quanto à *formação do clero*, parece explicitar mais a centralidade da Palavra de Deus, uma vez que a Conferência coloca o seminário dentro de uma perspectiva bíblica. Tratando da formação espiritual, desenvolve-se “A capacidade de ouvir fielmente a Palavra de Deus”, pois o sacerdote diante das diversas situações da comunidade precisa saber interpretá-las à luz da fé. Para isso, o documento elenca duas pistas: 1) “uma profunda e continuada purificação interior” capaz de “captar as autênticas exigências da Palavra de Deus”; 2) Um aprofundamento da Sagrada Escritura que desemboca em um “estudo sério da mensagem” sem deixar de lado “uma frutuosa participação na liturgia”, a qual se celebra essa Palavra viva em comunhão com o povo, e o “confronto com o ensino do magistério da Igreja” (MEDELLÍN, 1968, p. 60-61).

Com isso, não só os elementos interligados às Sagradas Escrituras que evocamos, mas todos os desafios da missão pastoral assumidos pelos bispos na Conferência de Medellín foram confiados “na força da Palavra de Deus”. Receptora da experiência bíblica latino-americana, Medellín acabou também impulsionando inúmeras iniciativas para um dinâmico apostolado bíblico sempre focando na realidade do dia-a-dia do ser humano⁸.

CONCLUSÃO

A Bíblia no meio cristão tem uma história sofrida. O protestantismo contribuiu com o desenvolvimento do estudo bíblico, mas também gerou pluralidade de igrejas,

⁸ Além do trabalho das pastorais bíblicas em quase todos os países latino-americanos, destacou-se a realização de 22 a 26 de julho de 1985 do primeiro encontro latino-americano de Pastoral Bíblica Católica, sediado em Bogotá. (HERRERA, 1988, p. 44-57). Sobre a repercussão bíblica vinte anos após essa conferência apresentamos a Revista de Cultura Bíblia de 1988, nº 45-48, que traz como título “Como se lê a Bíblia na América Latina”. Seus inúmeros artigos, inclusive alguns deles utilizados em nosso trabalho, não só fazem um levantamento histórico, mas também elencam diversas iniciativas do apostolado bíblico nos países latino americanos.

sobretudo por sua interpretação. Já entre os católicos, o receio às pesquisas bíblicas e a ausência da Sagrada Escritura nos lares durante muito tempo formaram uma lacuna que ainda hoje não foi totalmente reparada.

O Concílio Vaticano II, preparado pelo movimento bíblico e os documentos pré-conciliares como *Providentissimus Deus* (1893), *Spiritus Paraclitus* (1920) e *Divino Afflante Spiritu* (1943), não só impulsionou o estudo bíblico, como transformou radicalmente a leitura da Palavra de Deus que paulatinamente vai saindo do anonimato na vida dos católicos. Depois da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965), a Pontifícia Comissão Bíblica elaborou o documento sobre a *Interpretação da Bíblia na Igreja* em 1993. Posteriormente, foi elaborada em 2010 a Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, sobre a Palavra de Deus na Vida e Missão da Igreja.

Além do âmbito mundial, muitos esforços têm sido realizados na América Latina. A Conferência de Medellín (1968) de um lado foi enriquecida pelas diversas experiências com a Palavra de Deus em quase todos os países latino-americanos. Por outro, partindo da realidade sofrida da América Latina, mesmo que não especificasse um tópico exclusivo às Sagradas Escrituras, elas de um modo geral perpassaram o documento colocando-se em evidência: a formação das Comunidades Eclesiais, o desafio de uma catequese renovada e a formação do clero. Os bispos em Medellín ressaltaram não mais uma leitura fundamentalista e moralizante, mas a Palavra que toca profundamente a realidade existencial do ser humano em seu cotidiano.

Enquanto o Brasil não só recebeu o Concílio Vaticano II e as conclusões de Medellín, como também, antes mesmo destes, já fomentava o contato vital com a Palavra de Deus, por meio das traduções da Bíblia, publicações, cursos, semanas e palestras. Além disso, a atuação dos círculos bíblicos nas comunidades rurais e nos meios urbanos é uma das principais marcas da fé do povo brasileiro e que colaborou na formação das comunidades eclesiais de base (CEB's).

A centralidade da Palavra de Deus na América Latina inicialmente como pastoral bíblica foi amadurecendo e ao longo dos anos acabou transformando-se em uma verdadeira animação bíblica na Pastoral (ABP), a qual procura não mais a Bíblia como uma das várias pastorais, mas a situa no centro de todas as pastorais e movimentos. O Brasil aprofunda essa dinâmica em suas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015* (CNBB, 2011, p. 44-51.72-76).

Entretanto, muito ainda se precisa fazer. Mesmo que a Bíblia tenha chegado aos lares do povo de Deus, ela ainda precisa deixar de ser vista como “sagrada”, no sentido devocional, e intocável acumulando poeira nas estantes e nos altares. Ela deve ser “Sagrada” porque transforma a vida daquele que a contempla, medita, estuda e partilha.

Portanto, é tarefa fundamental de toda a Igreja, dos bispos aos catequistas, fomentar uma “geração bíblica”, a qual todo o povo de Deus se alimente, aprofunde, vivencie e difunda a Palavra de Deus. De fato, com seu poder criador (Gn 1,3), a Palavra de Deus certamente é porta para transformação de um mundo tão sofrido, mas que ainda não perdeu a esperança.

REFERÊNCIAS

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015*. Brasília, Edições CNBB, 2011.
- II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: *Conclusões de Medellín*. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 1968.
- DENZINGER H.; HÜNERMANN P. *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- HERRERA, Pe. C. Primeiro encontro latino-americano de pastoral bíblica católica. *Revista de Cultura Bíblica (RCB)*, São Paulo, nº 45/46, 1988, p. 44-57.
- LIBÂNIO, J.B. *O Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ROLIM, F. C. A Bíblia nas Comunidades Eclesiais de Base. *Revista de Cultura Bíblica (RCB)*, São Paulo, nº 45/46, 1988, p. 165-179.
- SALVADOR, J. A Liga dos Estudos Bíblicos – LEB: Histórico da Fundação e algumas das suas iniciativas. *Revista de Cultura Bíblica (RCB)*, São Paulo, nº 43/44, 1987, p. 44-51.
- SESBOÛÉ, B.; THEOBALD, C. *A Palavra de Salvação (séc.XVIII-XX)*. Tomo 4. São Paulo: Loyola, 2006.
- TERRA, J. E. M. *Releituras da Bíblia hoje*. *Revista de Cultura Bíblica (RCB)*, São Paulo, nº 43/44, 1987, p. 3-11.
- TILLESSE, C. M. de. Limiar. *Revista Bíblica Brasileira (RBB)*, Fortaleza, nº 1, 1984, p. 5.
- _____. Instituto Religioso Nova Jerusalém. *Revista Bíblica Brasileira (RBB)*, Fortaleza, nº 1-4, 1996, p. 7-10.